



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DAS
CRIANÇAS: UM ESTUDO SOBRE A NOVA ESCOLA EM VITÓRIA DA
CONQUISTA/BA**

Sandra Cléia Gomes Dantas

(UESB)³⁸⁵

RESUMO

A presente monografia faz uma abordagem sobre a prática de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental da *Nova Escola* em Vitória da Conquista. Tem como objetivo estudar sobre a importância da leitura para a formação humana, por meio de incentivo à produção e capacidade de adquirir conhecimento, pelo desenvolvimento das possibilidades de comunicação com os outros e com o mundo, que permita caracterizá-lo como cidadão crítico e consciente de sua realidade. Procura demonstrar como permanece a dificuldade de garantir o acesso à leitura para todos os cidadãos, as razões para o entrave desta perspectiva, sejam elas individuais ou coletivas. Atém-se à relação das crianças com a leitura, a importância que esta adquire nos primeiros anos de formação e as estratégias desenvolvidas pela escola e pela família a fim de tornarem a prática da leitura atrativa e habitual. Foi realizado um estudo sobre leitura, inclusive considerações sobre as leis que regem a educação no Brasil, a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares que fazem referência à atividade da leitura. A metodologia de pesquisa adotada partiu de uma reflexão teórica sobre o tema em estudo e da pesquisa de campo, na qual foi observado que a prática da leitura entre os alunos da *Nova Escola* acontece de forma significativa. Os resultados mostram que diferentes metodologias de trabalhar a leitura e a abundância de livros à disposição das crianças são fatores de relevância para o incentivo à mesma.

INTRODUÇÃO

A leitura é entendida, nos últimos dois séculos, como indissociavelmente ligada à escrita e à história de vida dos homens na era moderna e contemporânea, sendo toda ela pontuada por documentos escritos. Assim, o ato de ler, antes

³⁸⁵ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: sandra1dantas@yahoo.com.br.

restrito a ambientes fechados, hoje acontece nos mais diversos lugares: praças, ruas, ônibus etc.

É consensual o reconhecimento da importância do ato de ler enquanto princípio integrante e fundamental ao aprimoramento da existência humana. A leitura corresponde a um conjunto sógnico alternativo à oralidade, que permite aos homens o maior desenvolvimento da circulação de sentido, através da busca e filtragem de informações sobre si e sobre o mundo que lhe são disponíveis.

Entretanto, apesar dos reconhecidos benefícios advindos da leitura, é preciso reconhecer, também, que em nossa realidade, o acesso à leitura e sua utilização precisa tem se constituído em fenômeno de desigualdade entre os diversos grupos sociais. Os estudos desenvolvidos acerca da importância da leitura como: Britto (2003), Freire (1983), Geraldi (1998), Martins (1994), entre outros, trazem diversas justificativas para a manutenção dessa condição desigual de acesso à mesma, que variam desde explicações decorrentes de processos institucionais até limitações individuais.

Neste trabalho, objetiva-se contribuir para esse debate, revisitando conceitos, trabalhos já desenvolvidos e pesquisando a importância da leitura na vida da criança. O interesse pelo tema abordado decorre da curiosidade pessoal e profissional de compreender as razões que tornam alguns indivíduos tão avessos à prática da leitura, enquanto que outros encontram neste exercício uma fonte de prazer e entretenimento. Destacou-se o apreço pela obra *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire, obra indicada como bibliografia complementar para a disciplina Didática II, realizada no quinto semestre letivo do curso de Pedagogia.

Despertou-se, aí, o interesse em aprofundar os estudos relacionados à importância da leitura, às atividades de incentivo e aos reflexos da familiaridade com a leitura. Todavia, enquanto o autor citado focaliza sua experiência na Educação de Jovens e Adultos, determinei como objeto deste estudo a leitura entre as crianças inseridas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A abordagem de



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

pesquisa aqui proposta limita-se à observação das práticas de incentivo à leitura a alunos de 1ª a 4ª séries da *Nova Escola*, instituição de ensino privado, localizada em Vitória da Conquista, interior da Bahia. A partir da coleta desses dados, procedeu-se à prática da problematização de seus resultados e sua co-relação com estudos e teorias já desenvolvidos.

A importância da introdução da leitura enquanto prática cotidiana da vivência das crianças justifica-se não só pela possibilidade de adquirir conhecimento, como também pela garantia de suporte na observação de diversos aspectos da vida social e aprimoramento da capacidade de comunicação com o mundo; promove-se, portanto, a prática do desenvolvimento como ser humano.

O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança, até mesmo antes do seu nascimento. Crescer no meio de livros e ver, à sua volta, as pessoas praticando leitura pode ser um excelente início para a formação de um leitor. Porém, cabe à escola um papel primordial no desenvolvimento de atividades de reforço e/ou iniciação ao gosto pela leitura.

De acordo com os PCN'S (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997), o professor pode incentivar a leitura diária entre seus alunos na intenção de torná-los bons leitores. Essa caracterização (bons leitores) é importante, tendo em conta que não se espera do leitor apenas alguém capaz de reconhecer signos escritos, mas capaz de organizá-los e submetê-los à interpretação. Não se formam bons leitores se eles não têm um contato íntimo com os textos. Esta não é uma tarefa fácil, nem se faz da noite para o dia. Assim, toda a atenção dispensada à leitura assume significativa importância em relação à formação de bons leitores.

Muitas têm sido as questões apontadas como determinantes do afastamento da leitura, como, por exemplo, dificuldades no acesso a livros e falta de instrução acerca do valor da leitura.

No caso das crianças, muitas vezes, é possível dizer, associam a leitura ao fastio por conta de muitos professores determinarem a utilização de textos



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

referentes a obrigações escolares (tarefas, trabalhos e notas), afastando-os de temáticas que lhe interessem, de modo que a leitura acaba assumindo caráter negativo em detrimento de sua afirmação positiva, utilitária, mas também prazerosa.

Torna-se fundamental a realização de ações que priorizem a leitura, atribuindo-lhe a importância que esta deve assumir enquanto possibilitadora do conhecimento, bem como do entretenimento e prazer. É necessário reafirmar que a leitura não deve significar apenas um processo mecânico de repetição de palavras, mas constituir-se em um exercício de compreensão da organização destas e do contexto que as envolve.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96, no Título V, Capítulo II, Seção III, Art. 32 assegura que o ensino fundamental terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura.

É preciso admitir, entretanto, que o princípio determinado na Lei, não registra aplicabilidade prática efetiva integralmente; permanecem ainda muitas lacunas relacionadas ao incentivo da leitura. Apesar do consenso entre sociedade e organizações institucionalizadas de ensino sobre o papel relevante que o ato de ler assume no mundo contemporâneo, pouco prestígio se tem atribuído à prática efetiva no cotidiano do aluno. Geraldi confirma essa realidade, ao registrar que “[...] o ensino no Brasil é livresco, associado ao fato de que inexistem livros, bibliotecas nas escolas. Sem livros pratica-se no Brasil um ensino livresco.” (Geraldi In Silva, 1998, p. 13).

Deve-se atentar para o fato de que, não apenas a escola, mas também outras instâncias da sociedade têm responsabilidade no estímulo à prática da leitura e na formação de crianças leitoras. Segundo Freire (1983), a leitura do mundo precede à leitura da palavra; a leitura deverá ser capaz de possibilitar uma visão crítica da realidade social e dos problemas ali existentes para que o sujeito-



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

leitor possa se constituir, compreendendo a dinâmica da realidade como resultado de uma prática historicamente construída. Portanto, os estímulos para a leitura são muitos e podem ser utilizados como recursos para despertar o interesse das crianças nos mais variados temas.

É a partir da leitura da palavra e do desenvolvimento do conhecimento geral e/ou específico que a criança terá condições de ler o mundo. Isso ocorre através da comparação de suas experiências pessoais com aquelas narradas nos livros ou do desenvolvimento do senso crítico que a levará, por meio da observação do que acontece ao seu redor, a fazer perguntas e procurar respostas, posicionando-se favoravelmente ou não àqueles pontos de vista apresentados, observando aspectos de vida que outrora passavam despercebidos.

A preocupação com a formação de “cabeças pensantes”, capazes de entender e se expressar em diferentes situações deve atravessar todos os ciclos do Ensino Fundamental, garante os PCN`s. Assim, para que a criança tenha condições de gostar e sentir prazer em ler, precisa tomar contato com leituras de diferentes níveis e assuntos que despertem o seu interesse.

Geralmente, quando se defrontam com os livros que tratam de temas para os quais não têm muita afinidade, sentem repulsa pelo hábito da leitura, como afirma Martins (1998 p.28):

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem. Contexto esse permanentemente aberto a inúmeras leituras. Não é de admirar, pois, a preferência pela leitura das coisas bem diferentes daquelas impostas na sala de aula, sem a cobrança inevitável, em geral por meio das execráveis “fichas de leitura”.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Dessa forma, “Há que se levar em conta, também, tudo o que a criança já viveu, tudo o que fez, descobriu, percebeu, intuiu e pensou; os filmes a que assistiu, as conversas que ouviu, as histórias que leu; tudo participa no seu modo de ver o mundo e de aprender.” (Foelker, 2005, p. 37). Com isso, o que se pode fazer é criar um meio propício para que a criança construa suas estruturas de pensamento da melhor maneira, com o melhor tipo de informação e os melhores exemplos possíveis. Para tanto, é imprescindível o papel desempenhado pelos pais e pelos professores quanto ao incentivo à leitura e à valorização das experiências que a criança apresenta, quando é matriculada na escola.

Um dos pressupostos deste trabalho é que o hábito de ler, quando adotado desde cedo e da forma mais prazerosa possível, deverá atingir patamares mais elevados quando a criança se espelha no hábito de leitura dos pais. De acordo com pesquisa desenvolvida por Medina sobre leitura no Brasil, para o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, “quando os pais lêem, sobe o nível de leitura dos filhos em todos os níveis de instrução” (Medina *apud* Vieira, 1983, p. 21). Vale ressaltar, ainda, que é o prazer causado pelo ritual de contar histórias vivido na infância que despertará o desejo de, ela mesma, reproduzir este ato, buscando a aprendizagem sistemática da leitura.

Segundo Foelker (2005), se o adulto é um leitor habitual, ou seja, tem o livro como um bom companheiro, leva as crianças ao seu redor a observar sua relação com os livros, motivando-as a ler. Esta é uma das formas de incentivo à leitura que a escola e a família, juntas, podem disseminar para o desenvolvimento do hábito de leitura da palavra e do mundo entre as crianças.

Neste sentido, convém destacar que:

As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai dá-



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo. Ela sempre aprende com o objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente, quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido (Frank Smith apud Silva, 1983, p. 56).

Diante dos fatos e constatações inicialmente observadas, busca-se elucidar as seguintes questões: Que atividades têm sido desenvolvidas na escola em questão, ou seja, *Nova Escola*, para que as crianças sintam prazer com a leitura? Quais os incentivos que esta escola tem oferecido para que exista uma relação significativa entre leitura da palavra e leitura de mundo?

A universalidade do ato de ler provém do pressuposto de que todo indivíduo está intrinsecamente capacitado a ele, a partir de estímulos da sociedade e da vigência de códigos que se transmitem preferencialmente por intermédio de um alfabeto (Zilberman, 1984). Foi a partir do século XVIII, que estes estímulos passaram a ocorrer com grande intensidade e a leitura passou a se revelar como um fenômeno restrito a um modelo de sociedade que se valeu dela para sua expansão.

A leitura foi, outrora, considerada simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém, o ato de ler, em si mesmo, é um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O ensino da leitura está historicamente vinculado à escola. Estabelecendo-se um vínculo entre a ação da escola e o exercício contínuo da leitura, Cattani e Aguiar (1988, p. 24) afirmam:

A experiência demonstra, portanto, que cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura, e seu papel é tão mais amplo quanto mais restrito for o da família, condicionada a problemas sócio-econômicos.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

No entanto, a escola tem se preocupado muito com os programas conteudistas; tem usado a leitura para memorização de regras gramaticais; tem feito ler muito às vésperas de exames (Silva, 1981), em detrimento do estímulo à reflexão e a busca de conhecimento, de promover o prazer e desenvolver a criticidade (Lajolo, 1986). Com isso, ocorre o comprometimento do aprendizado, bem como do gosto pela leitura, minimizando a visão de mundo do leitor. Pois, segundo Freire (Freire *apud* Berti, sd, p.57) “ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto do texto e como vincular com o meu contexto”.

Formar leitores proficientes deve ser um dos objetivos da escola. A capacidade de ler criticamente garante ao indivíduo condições de interferir no meio em que está inserido, podendo, inclusive, transformar a realidade.

Se o aluno lê sem prazer, sem o exercício da crítica, sem imaginação; se ele lê e não faz disso uma descoberta ou um ato de conhecimento; se ele só reproduz nos exercícios a palavra lida do outro, não há nisso nada que lhe possibilite uma intervenção sobre aquilo que historicamente está posto (Suassuna, 1995, p. 47).

Martins (1994) ressalta que saber ler textos escritos e escrevê-los é, ainda hoje, algo que não se tem acesso naturalmente. Apesar de séculos de civilização, prevalece ainda, em nossos dias, a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando ao indivíduo compreender verdadeiramente o papel da leitura na construção do espaço social.

Ao referir-se à importância da leitura, Silva (1998) atesta para o fato de que nem sempre ela foi a mais habitual das formas de comunicação. Afirma que a circulação de sentido entre os homens sempre ocorreu através de conjuntos de signos que poderiam encontrar referência em diversos tipos de linguagem, seja oral, musical, corporal etc. A busca, o processamento e a criação de informações

são sempre realizados através de um tipo específico de linguagem, que varia segundo determinações históricas, preferências individuais ou definição metodológica.

O ser humano foi capaz de criar diferentes formas de representação a fim de assegurar o maior acesso aos fenômenos da realidade, gerar e registrar produtos culturais. É, nesse sentido, que desenvolve o sistema sígnico escrito, aumentando e facilitando as possibilidades de expressão e comunicação humana. Desde então, aprender a ler passou a significar ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza.

Segundo Morais (1996, p. 12) “a leitura é uma questão pública. É um meio de aquisição de informação, portanto um componente de um ato social. Mas ela constitui também um deleite individual”.

Silva (1981) destaca, ainda, que o ato de ler envolve uma direção da consciência para a expressão referencial escrita, capaz de gerar pensamento e doação de significados àquilo que o sujeito se refere. Segundo ele:

Ora, o domínio de novos signos (verbais, escritos) definindo novos horizontes, novos significados e ou novas alternativas, somente vem ampliar o meu projeto de existência, tanto em termos de participação cultural, como em termos de autodeterminação, busca de autenticidade e vista em propriedade [...]. (Silva, 1981, p.67)

Portanto, a leitura torna-se funcional não apenas para desenvolver a habilidade da compreensão, como também no estímulo ao hábito da reflexão e da atividade transformadora.

No que se refere ao desinteresse pela leitura, o autor aponta principalmente os elementos da modernidade que produzem entretenimento rápido e que exigem pouco esforço, como a televisão que, ao mesmo tempo, padroniza o conteúdo das informações, barrando possibilidades de escolhas pelo

receptor e cria obstáculos ao aparecimento de indivíduos críticos, homogeneizando consciências e massificando a população. Com o livro, ocorre o contrário, já que o leitor tem a autonomia do ato de escolher o que quer ler e garante a interpretação individual, filtragem de mensagens e perpetuação de uma consciência questionadora.

O emprego do livro na escola remonta aos primórdios desta. Sua importância é grande, por serem transmissores do conhecimento de uma geração para outra. Para os leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais. O livro passou por diversas fases, ao longo da história da educação no Brasil, como relata Zilberman (1984, p.20):

Camões, as Seletas, as apostilas, o livro didático, o paradidático, todos estes são facetas de um mesmo livro – aquele a quem se delegou a incumbência de acompanhar o estudante durante o transcurso das atividades discentes, servindo como depósito de informações e exercícios, sem negar nunca seu caráter utilitário que, se o degradou, não impediu sua expansão crescente. Por isso transcendeu o âmbito da sala de aula e converteu-se numa vigorosa fonte de renda para autores, editores e livreiros, embora nem sempre na mesma proporção.

Ainda sobre a leitura, Martins (1994) define as diferenças entre os diversos tipos de leitura, problematizando o ato, de modo que não se limite ao reconhecimento de signos. As diferentes utilizações da escrita acabam por determinar os diferentes tipos de leitura. Ela aponta para a leitura emocional, em que o leitor se deixa envolver por sentimentos de atração que o texto lhe desperta validando os critérios de gosto. Enquanto isso, na leitura racional, tem-se em mira a indagação, compreender e dialogar com ele, objetivando aprender através de um processo de criação.

A referência a esta abordagem sobre leitura desenvolvida pela autora justifica-se pela compreensão de que o apego a uma leitura emocional é



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

importante para motivar a leitura racional, quando os interesses de utilidade se sobrepõem ao de reconhecimento imediato; se a prática já for um hábito, aquela racional deverá ser também um prazer, na medida em que contribui para o crescimento intelectual ou profissional.

Britto (2003) aponta a leitura como elemento desintegrador e de afirmação das diferenças sociais no Brasil. Se, por um lado, espera-se que o acesso à leitura possa amenizar elementos de desigualdade social, como desemprego ou dependência de outros que compreendam signos escritos, por outro lado, afirma-se que deter esse tipo de capacidade significa um elemento diferenciador em favor daqueles grupos privilegiados. Essa relação que o autor estabelece entre leitura e competição é importante porque serve, muitas vezes, como justificativa para o interesse pela leitura, já que não é desejo dos indivíduos constituírem exclusões, estarem alijados das boas condições de convivência social. A leitura adquire o sentido de produtividade, enquanto deveria ser concebida, também, como fonte de prazer, lazer, aquisição de cultura e ampliação dos horizontes.

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual.

Neste capítulo, trataremos dos caminhos definidos para confirmação ou refutação dos elementos apresentados nos capítulos anteriores, a fim de darem respostas às questões apresentadas na introdução. Procede a revisão dos trabalhos relacionados à temática desenvolvida, bem como das proposições teóricas de seus estudiosos.

Mais do que isso, pretendemos relacionar a prática da pesquisa, cuja observação e problematização permitiram constatar afirmações, anteriormente tidas como hipóteses, na aplicação prática.

Definido como campo de pesquisa a escola particular localizada à Avenida Ivo Freire de Aguiar, 652, no bairro Candeias, em Vitória da Conquista, interior da



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Bahia, o Instituto Educacional Somar, que utiliza a denominação NOVA ESCOLA como nome fantasia, atende a alunos de classe média-alta proveniente dos bairros nobres da cidade de Vitória da Conquista matriculados desde a pré-escola até a 8ª série do Ensino Fundamental. São 13 salas de aula em ótimas condições de uso, uma biblioteca, laboratório, secretaria, área de lazer, quadra de esporte, cantina, sete banheiros e pátio com parque infantil. Seu projeto pedagógico, adotado desde 2000, foi desenvolvido por equipe técnica da própria escola, composta por coordenadora, psicóloga e diretora. Para fins desta pesquisa, foi solicitado à Coordenadora Pedagógica, das séries iniciais da escola, autorização para fazermos a pesquisa e, após liberação, foram tomados como sujeitos da pesquisa alunos e professores da 1ª a 4ª séries, além da psicóloga.

Neste local, procurei registrar condições materiais e projeto pedagógico, para depois proceder à definição dos indivíduos envolvidos na pesquisa. Convencionou-se a opção por alunos com faixa etária variando entre os sete e onze anos de idade, justamente porque este público atenderia o objetivo do trabalho que é estudar a importância da leitura na produção de conhecimentos por parte das crianças em processo de escolarização, ou seja, séries iniciais do Ensino Fundamental. Foram realizadas entrevistas com um total de 20 alunos englobando as quatro turmas; além dos alunos, foram realizadas diferentes entrevistas com as 03 professoras que atuam nas séries mencionadas, a fim de constatar se estavam comprometidas com a divulgação do interesse de leitura e quais eram as estratégias utilizadas; a entrevista estendeu-se também à psicóloga da escola, que é responsável por compreender se as condições coletivas ou individuais são favoráveis pela escolha deste ou daquele modelo de incentivo à leitura.

Os alunos (tratá-los-ei por nomes fictícios preservando suas verdadeiras identidades) foram classificados segundo sexo, faixa etária e série, pois são critérios importantes para revelar os tipos de interesses que conduzem à leitura. Questionou-se sobre a importância de as pessoas saberem ler, sobre as



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

preferências de leitura, gosto por visitas à biblioteca, títulos dos livros já lidos, sobre o tipo de textos que costumam ler na escola ou fora dela, sobre o acesso aos meios de propensão à leitura em casa, sobre o que despertam interesses por um livro específico, acerca da opinião que desenvolvem sobre a literatura indicada pelo professor, se aprovam ou não e, finalmente, foi solicitado que atribuíssem, à sua maneira, um conceito sobre o que achavam ser o ato de ler.

Entre as professoras (que serão tratadas pelos seus nomes reais, durante este relato, pois assim me foi autorizado) interessou saber o tipo de formação, o tempo de experiência com a docência, como procediam ao planejamento das atividades de leitura, os procedimentos utilizados junto aos alunos em salas de leitura e/ou biblioteca, que tipo de dificuldade com leitura observam em seus alunos, que habilidades são priorizadas no momento da leitura, se problematizam as leituras que fazem com seus alunos e quais os modelos de textos utilizados a fim de despertar nestes o gosto pela leitura. Para a psicóloga da instituição, as perguntas foram feitas no sentido de, também, compreender qual é a proposta pedagógica utilizada pela instituição a fim de tornar a leitura um hábito agradável para seus alunos, sem que esta seja uma atividade cansativa.

Além das entrevistas, foram feitas observações realizadas em seis visitas feitas à escola: duas visitas no turno matutino e quatro no turno vespertino. Nesta atividade, foi focalizado o espaço físico e as relações pedagógicas envolvendo alunos e professores. Foi possível observar a aplicação de muitas das questões pontuadas teoricamente acerca da leitura, seja na percepção dos problemas envolvendo leituras, seja nas propostas de indução a este hábito e, claro, nos resultados de aplicação prática desses princípios de incentivo. Convém ressaltar que os resultados aqui apresentados não são inquestionáveis, que não podem ser consideradas na universalidade, mas atende às expectativas de observação desta realidade e temática submetida a estudo.

A escola não é a única via de acesso à leitura, no entanto, a *Nova Escola* se preocupa com o uso social desta, ou seja, leva em consideração os vários usos da leitura na vida real das crianças envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Foi possível observar que a escola tem dado conta das três funções básicas da leitura apontadas por Geraldi (2000, p.107-8) quais sejam:

- a. A leitura-deleite ou fruição, na qual se busca diversão e descontração;
- b. A leitura para aquisição de informações, lê-se para obter informações que levem a uma melhor compreensão do mundo;
- c. A leitura para o estudo e trabalho, na tentativa de adquirir e/ou ampliar conhecimentos que possibilitem melhor colocação no mercado de trabalho.

Percebe-se que a leitura proporciona prazer, entretenimento e conhecimento de mundo às crianças, conforme relatos a seguir:

Mônica Casati de Almeida, graduada em Educação Física e em Pedagogia, trabalha quarenta horas semanais na escola há 03 anos com as turmas de 1ª série, tendo alunos entre 06 e 07 anos de idade. Segundo ela, o planejamento para os alunos desta série é feito buscando incentivar as crianças para que sintam prazer com a leitura, priorizando, portanto, histórias agradáveis e divertidas, diversificando os textos entre contos clássicos, fábulas, receitas, reportagens e outros. Aposta também no livre manuseio das obras e escolha dos títulos como importante incentivo proporcionado pela biblioteca.

O incentivo à leitura é muito importante através da seleção de histórias agradáveis e também da oportunidade de manuseio e escolha dos livros pelas próprias crianças, dentro da biblioteca (Mônica Casati, 2005).

Segundo ela, existem alunos com dificuldades de leituras, apresentando discurso fragmentado, o que em sua opinião é natural. Por isso mesmo, ao desenvolver as habilidades de leitura, preocupa-se com a fluência, ritmo e entonação, mas julga mais importante desenvolver o interesse permanente pela leitura. Sobre o processo de reflexão e interiorização da leitura, a professora diz que o que tem feito a fim de garantir esse princípio é a adaptação precisa do tipo de leitura e local favoráveis, sob orientação psicológica, para cada grupo etário e a colaboração dos pais, que auxiliam no processo inquirindo aos alunos em casa e disponibilizando leituras auxiliares, proporcionando que a criança entre em contato com os bens culturais conservados através da linguagem escrita. Assim, para ela

É importante que a criança tenha um ambiente adequado para leitura, histórias agradáveis e apropriadas a faixa etária. Vale salientar que os pais vêm auxiliando também em casa, para esse incentivo, questionando-os após a leitura e fornecendo outros livros (Mônica Casati, 2005).

Sobre o tipo de leituras que desenvolve, esta professora destaca as fábulas, os textos narrativos e as histórias da escritora Ruth Rocha, com as quais os alunos trabalham a leitura e fazem produções que são expostas nas reuniões de pais.

Em um dos dias em que foi observada sua atuação pedagógica, a professora reuniu os alunos num grande círculo onde todos sentados ao chão, e cada um por sua vez, seguindo o sentido horário, liam uma página do livro de história infantil “A escola do Marcelo” da escritora Ruth Rocha. Ao final de cada leitura, eles mostravam para o grupo o desenho que continha em cada folhinha lida, e era uma festa porque cada um havia imaginado aquele texto à sua maneira e quando viam a figura representativa do texto alguns diziam ter vislumbrado de outro modo.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Quando a história acabou, a professora abriu uma discussão e muitos deles trouxeram elementos do seu cotidiano para exemplificar situações do livro que já haviam sido vivenciadas por eles. Interessante que todos participaram ativamente, com atenção e vontade. Não se via, neles, nenhum sinal de enfado ou pesar, numa demonstração de que aquele ato faz parte de suas atividades em classe.

Na segunda série, a entrevista foi concedida pela professora Mônica Souza Moreira, formada em Pedagogia, com especialização em educação, em curso. Professora há 06 anos, tem alunos entre os 07 e 14 anos de idade; segundo ela, o planejamento de leitura é interdisciplinar, uma vez que esta compreende a todas as disciplinas. Trabalha com projetos de leitura voltados para temas transversais, com a utilização de recursos audiovisuais no intuito de promover a compreensão dos diferentes tipos de textos pelos alunos. E com estratégias de problematização das leituras, costuma dividir os alunos em grupos, a fim de que possam se posicionar diante das leituras de forma crítica.

Buscando realizar as atividades de formas diversificadas: individualmente, duplas, trios ou grupos maiores, assim poderão se posicionar diante do que lê ora individualmente ou com um colega, por meio da escrita ou da oralidade (Mônica Souza, 2005).

Busca trabalhar, também, textos clássicos e conta que a descoberta destes se deu quando uma de suas alunas leu um texto e encantou-se com a história, contagiando os coleguinhas e solicitando que, ao final de cada dia, ela lesse uma parte da obra para que eles pudessem ir para casa imaginando o que mais poderia acontecer naquela história. E assim foi feito, a cada final de tarde a professora lia um trecho do livro escolhido e parava a leitura justamente no ponto de clímax da história fazendo com que os alunos, no dia seguinte, estivessem ávidos pelo desfecho daquela parte. Atribui o gosto dos alunos pela leitura aos estímulos feitos



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

pelos mestres e pais que, por sua vez, colaboram com a escola quanto à criação do gosto e do hábito pela leitura.

Trabalhamos com diversos tipos de textos: letras de música, poemas, bulas, rótulos, propagandas, biografias, etc., mas o que mais atraem as crianças são as narrações [...] a leitura se torna mais prazerosa e a criança não se negará a realizá-la diante do grupo (Mônica Souza, 2005).

Afirma, ainda, que acerca dos níveis de leitura os alunos apresentam diferenças, existindo alunos com dificuldades de decodificação de signos, com leituras silábicas, fragmentadas e alguns com dificuldades de interpretação, enquanto outros lêem com fluência e entonação. Sendo assim, busca desenvolver as habilidades necessárias para a aquisição da fluência, do ritmo e da entonação naqueles que tem mais dificuldades, incentivando os mais desenvolvidos a praticarem a cooperação e auxiliarem seus colegas nos trabalhos desenvolvidos em classe promovendo a compreensão das leituras, tornando-as atividades prazerosas e elevando a auto-estima dos alunos. Para tanto, entre os tipos de textos utilizados, destaca letras de música, poemas, bulas, rótulos, propagandas, biografias e narrativas.

Em visita realizada a esta turma, verifiquei que os alunos são bastante autônomos e possuem liberdade para freqüentar a biblioteca, mesmo no período de aula. Eles estavam bem animados, pois haviam lido um livro que a professora indicou, e naquele dia, estavam fazendo um desenho representativo do texto e iam apresentar o seu desenho para o grupo recontando a história lida. Interessante ver que a partir de um mesmo livro, cada estudante fez um desenho peculiar ao seu entendimento, e, mesmo que não estivesse com as mesmas características do desenho do colega, não havia problema. A sua figura bastava por si só.

As mesmas questões foram colocadas para Luciana Amorim, graduada em Geografia, professora de 3ª e 4ª séries (média etária de 09 anos) nos turnos

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

matutino e vespertino e leciona há 04 anos. Perguntada sobre o planejamento das atividades no que diz respeito à leitura e sobre as maiores dificuldades encontradas, responde que é definido um período para realização de leituras, em que, na sala de aula ou biblioteca, são desenvolvidas atividades, a partir de temas específicos tratados nos livros.

A proposta é trabalhar a leitura de forma dinâmica e envolvente, através de textos interessantes, dramatizações e contação de histórias pelos alunos, no intuito de levar os alunos a ver a leitura como um ato prazeroso e importante (Luciana Amorim, 2005).

Quanto à maior dificuldade, ela aponta para o cumprimento do prazo estabelecido para leitura, já que trabalha com a discussão de livros lidos em sala de aula, associando o tema ao cotidiano dos alunos. Perguntada sobre quais os procedimentos utilizados em sala de leitura ou biblioteca com os alunos, a professora revela que a maior preocupação é chamar a atenção para a possibilidade de uma atividade cooperativa, que permita a participação efetiva do grupo nas discussões propostas sobre o tema; atenta ainda para o convencimento dos alunos acerca do zelo com livros e outros materiais, priorizando, assim, a preservação do patrimônio. Sobre as dificuldades de leitura, a professora acredita que, no geral, os alunos apresentam níveis de leitura bastante satisfatórios, seguidos de interpretação; demonstram maturidade, são expressivos, desinibidos e conseguem fazer sínteses e resumos dos livros lidos sem maiores problemas. Segundo a professora “Isto se deve ao fato de trabalharem com a leitura desde a pré-escola.”

Quanto àqueles que apresentam dificuldades, desenvolvem trabalho específico e direcionado de interpretação de textos, identificação de personagens e temas, assim como a expressão oral, corporal e artística, capacidade de síntese, correlação com a realidade e a reflexão. Sobre o tipo de leituras que utiliza, afirma



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

que a proposta é de trabalhar com os livros paradidáticos, associados a leituras livres e textos vinculados àquelas discussões estabelecidas no livro.

Por estarem na 3ª ou 4ª séries, os alunos já trabalham com produções escritas mais elaboradas. No período de observação, na turma da 3ª série, uma das alunas foi até a frente junto à mesa da professora ler para o grupo sua composição feita sobre um romance lido. Após a leitura, seguiram-se comentários e cada aluno acrescentava, de alguma forma, algo ao texto da colega. Foi um momento rico de informações sobre o livro que promoveu integração entre os colegas e agregou conhecimentos numa construção mútua.

Vejo as professoras da *Nova Escola* como ponte entre aluno e leitura, na medida em que demonstram o bom senso ao determinar os materiais a serem lidos por suas turmas, levando em conta fatores fundamentais como: idade, extensão do conteúdo e assunto.

As declarações delas são emblemáticas em revelar uma realidade já apontada na discussão teórica. Existe, entre os profissionais da educação, um consenso acerca da importância da leitura. A *Nova Escola*, uma vez que reconhece essa realidade entre seus profissionais, atende às recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ao buscar, em equipe, desenvolver um projeto coletivo de aplicação dos princípios de importância da leitura reconhecidos na abstração.

A orientação do psicólogo, o princípio da interdisciplinaridade, a boa formação dos professores, a disponibilização de uma biblioteca, o acesso dessas crianças a esse ambiente de leitura, a liberdade de escolha proporcionada aos alunos quanto aos textos que mais lhe chamem a atenção e a preocupação de incentivar a leitura associada aos conteúdos básicos, são reveladores da boa iniciativa apresentada pela escola e fazem dela um modelo que está dando certo.

A individualidade dos alunos quanto aos interesses, às especificidades das faixas etárias e ao diferenciado ritmo de desenvolvimento de aprendizagem, somados ao papel desempenhado por esta escola são determinantes no sucesso da



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

prática da leitura entre os alunos; portanto, o desafio dos professores é ainda maior do que se possa imaginar e não se limita à construção de um projeto, mas a uma prática pedagógica permanente.

A prática escolar da leitura nesta escola não é estereotipada e unidirecional, ou seja, não é invariável, move-se em várias direções. Com efeito, apresenta-se como lugar privilegiado para a realização da tarefa de formar sujeitos leitores. Ela ultrapassa o modelo tradicional de ser apenas transmissora do saber culturalmente acumulado e consegue promover uma educação diferenciada, utilizando como fontes de textos não só os livros didáticos, mas toda uma gama de livros e textos outros (contos clássicos, fábulas, receitas, reportagens) que incentivam a leitura, como citou a psicóloga da escola, Selma Norberto Matos:

Desde a Educação Infantil as crianças são estimuladas neste sentido: ouvindo histórias contadas com o apoio de livros, fantoches, dramatizadas, etc.; freqüentando a biblioteca; levando semanalmente livros para casa; realizando a pseudo leitura de cartazes, dos nomes dos objetos e produtos expostos em sala e na escola. Este ano, tive como norteador o Projeto Contando e Recontando Histórias. No Ensino Fundamental I o trabalho ocorre a partir de leituras livres; de livros expostos em sala e das leituras propostas pela escola. São incentivados os comentários e trocas sobre o conteúdo dos livros e a leitura espontânea dos textos individualmente ou coletivos em sala é também estimulada.

A instituição possui uma biblioteca aberta em tempo integral, onde os alunos têm acesso a variados tipos de livros, que podem ser lidos no espaço escolar ou levados para leituras em casa. Há sempre o convite à leitura espontânea, garantindo a escolha que a criança faz no momento de pegar algo para ler. Acontece, também, neste espaço, o conto de histórias pelas professoras com leituras ou dramatizações, a depender da densidade do material escolhido para a



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

leitura. É notória a importância do resgate desta prática, pois percebe-se o grande valor educativo que esta exerce sobre a criança.

O ato de ler para a criança deve se manifestar de várias formas e criar imagens que atendam às suas necessidades anímicas (interiores) através de histórias bem contadas. Quando uma história é narrada com a devida entonação de voz para cada personagem, a criança constrói em sua imaginação um cenário que corresponde, além das características descritivas da própria história, a um conhecimento de mundo, ampliando seus horizontes, possibilitando-lhe criar por meio da combinação de idéias próprias da fantasia.

Vale ressaltar que, em visita à biblioteca da escola, observei que esta é um espaço de acolhimento à criança. Vi crianças escolhendo livros para locação, outras fazendo a devolução dos livros já lidos, outras sentadas a um canto fazendo desenhos e pinturas, outras, ainda, estudando em grupo. Josilene Guimarães Souza, com formação em Magistério, responsável pela biblioteca, informou que os alunos são bastante criativos e que na tentativa de aproveitar esta criatividade são realizadas algumas peças teatrais ao longo do ano. Tais peças são feitas depois que o grupo escolhido faz a leitura do livro a ser dramatizado, elenca personagens e ensaiam o tempo necessário para o bom desempenho no palco. Toda a escola, familiares dos alunos e amigos são convidados para assistirem ao espetáculo que acontece em uma das dependências da escola.

Esta observação mostra o compromisso da escola com a aquisição do hábito de ler, pois segundo Bamberger (2002, p. 76) “A biblioteca da escola não é apenas o ‘aparelho de aquecimento central intelectual’ da escola, mas é também o primeiro passo para a utilização ulterior de bibliotecas públicas”.

A aplicabilidade dessa proposta de incentivo à leitura, suas deficiências e êxitos, pode ser percebida a partir da consulta ao público-alvo a que se destina tal proposta. Quando os alunos foram perguntados sobre a importância da leitura, todos foram unânimes em reconhecê-la, o que pode significar um resultado

positivo da proposta de convencimento acerca da importância de ler, desenvolvida por professores e pais. Divergiam quanto à sua aplicabilidade.

Alguns atribuem a importância da leitura à vida prática, para que se tenha autonomia e liberdade de ir e vir, como coloca Luana, 09 anos: “é importante ler porque às vezes tem uma placa informando alguma coisa importante ou no ônibus tem escrito pra onde ele vai”, Daniel, 07 anos: “para ler bilhetes importantes porque pode ser um medicamento”, Isaac, 08 anos: “porque assim eles lêem os anúncios, a bula dos remédios e os rótulos”; outros associam-na ao aprendizado, conforme a fala de Jorge, 07 anos: “é importante porque elas aprendem mais sobre a história”, André, 08 anos: “porque quando nós lemos o nosso vocabulário fica muito bom”, Michael, 10 anos: “porque as pessoas aprendem regras, estudam nos livros muitas coisas”; outros relacionam a leitura ao mercado de trabalho, Stela, 09 anos: “é porque a tarefa você precisa ler, ninguém contrata alguém que não saiba ler”; e um aluno falou sobre a questão do índice de analfabetismo no Brasil, Helder, 10 anos: “que assim o Brasil vai ter menos analfabetos”.

Quanto às preferências de leitura, é bastante variada. Variam segundo faixa etária, sexo, gosto particular e determinação cultural; assim, gibis, histórias, fábulas, comédias, contos, reportagens, textos de *internet* e textos religiosos estão entre os preferidos dos alunos da *Nova Escola*.

Sobre visitas à biblioteca, foram unânimes em suas respostas afirmativas, dando um demonstrativo de que práticas de aprendizagem e hábitos de leitura não estão restritas à sala de aula: “Gosto muito, porque na biblioteca eu posso ler diversos livros e gibis, tenho chance de ler livros que não posso comprar e fico mais inteligente”. As respostas trazidas pelos alunos demonstram a compreensão acerca da importância da leitura, evidenciando que esta é uma prática social incentivada entre eles, revelando como a individualidade e outros determinantes, bem como a indução utilizada pelos professores é fundamental ao desenvolvimento do hábito de leitura entre as crianças.

O relato de muitos alunos vem confirmar o princípio desenvolvido por Ezequiel Silva (1981), ao apontar o desenvolvimento da capacidade de comunicação com o mundo como um dos mais importantes incentivos à leitura; assim, a leitura torna-se o elemento fundamental da busca de informações, convertendo-se num importante atributo não só prazeroso, mas principalmente utilitário. É nesse sentido que, perguntados sobre a importância de ler, muitos alunos relacionaram a leitura à capacidade de adquirir novas informações, “enriquecer o vocabulário”, “porque é bom também para o aprendizado na escola”, “porque desenvolve a mente e a inteligência”, “porque as pessoas aprendem regras”, “porque o Brasil vai ter menos analfabetos”, “porque é bom para a humanidade”; portanto, os alunos revelam estarem socialmente convencidos de que a leitura é importante (o que não significa dizer que ela seja agradável), e foge aos limites dos benefícios de aprimoramento individual, sendo bom também para o país e a humanidade como um todo.

Entretanto, este não é o único elemento revelador da importância da leitura, seu princípio utilitário, desintegrador das diferenças sociais, apontado por Luís Percival Brito (2003), também se faz presente nas declarações dos alunos sobre a importância do ato de ler; compreender o que dizem placas, anúncios e outros informativos, ler bulas de remédio e rótulos, ler cartas, dirigir, o que significa tornar-se independente de outro interlocutor, garantindo autonomia, privacidade e, ainda, “porque ninguém contrata alguém que não sabe ler”, revelando que percebem o princípio de desigualdade social envolvendo aqueles que lêem e aqueles que não podem ler.

Perguntados sobre o que gostam de ler, as respostas são múltiplas e como já salientado anteriormente, determinadas por múltiplos fatores; meninos preferem ficção, histórias em quadrinhos, livros de aventura ou terror, meninas gostam de contos, fábulas de bruxas e princesas, contos clássicos, receitas, o que

não deve significar uma exclusão de gostos a partir de gênero, mas um interesse motivado desde cedo por outros fatores de organização social.

Permanecem ainda as diversidades quanto à faixa etária, em que textos mais simples e mais elaborados são apresentados como preferências, ou mesmo individuais, como aquele que gosta de dinossauros e outro de futebol, e, ainda, culturais, interesse demonstrado através da preferência pela Bíblia ou por textos de *internet*.

Assim, diferentes nuances da realidade são importantes para determinar as preferências de leitura das crianças, aumentando o desafio de professores em tornar a leitura atraente, já que se refletem bastante variados.

Sobre gostarem de ir à biblioteca, são unânimes, variando quanto às justificativas.

Gostam de ir à biblioteca, porque lá podem se concentrar, porque podem desenvolver outras atividades como desenho, pintura e conversa com colegas; os alunos, entretanto, demonstram mais interesse pela leitura por conta da diversidade de títulos que têm à disposição, afirmando o princípio de que, muitas vezes, as pessoas não lêem porque não tem acesso aos livros. Mais do que isso, confirma a máxima de que uma das maiores vantagens dos leitores é a capacidade de escolher as coisas para as quais destinam sua atenção, que já é princípio da atividade crítica, livre.

Entre os livros lidos, os alunos apontam muitos clássicos da literatura infantil mundial, bem como fábulas brasileiras, contos de autores consagrados da literatura infantil nacional, textos informativos, “textos que a pró manda”; perguntados se gostaram das obras que leram, a maioria responde que sim, porque são engraçados, divertidos, etc. (Ver quadro abaixo). As preferências por certos tipos de textos, a escolha dos livros segundo esses interesses, trazem à tona o que diz Maria Helena Martins (1994), “a leitura emocional, precede o interesse à leitura racional; deste modo, é importante que os professores sejam capazes de iniciar por

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

aí a importância da leitura, pra que os alunos estejam habituados ao terem que se dedicar às leituras racionais”. Conforme tabela abaixo:

TÓPICOS	SÉRIE / Nº. DE ALUNOS RESPONDENTES			
	1ª série (05)	2ª série (04)	3ª série (04)	4ª série (06)
Importância da leitura	Sim 05	Sim 04	Sim 04	Sim 06
Preferências de leitura	Gibis 03 Histórias 04 Fábulas 02 Comédia 01 Contos 01	Textos 01 Gibis 01 Internet 01 Histórias 01	Revistas 01 Fato real 01 Gibis 01 Livros 01	História Infantil 01 Livros 04 Bíblia 01 Gibis 01
Gosto por visitas à biblioteca	Sim 05	Sim 04	Sim 04	Sim 05 Não 00 Às vezes 01
Textos lidos na ou fora da escola	Fábulas 04 Receitas 05 Contos de fadas 04 Gibis 02 Histórias 01	Histórias 01 Gibis 01 Textos grandes 02 Textos explicativos 01	Livros de agentes secretos 01 Textos informativos 02 Livros variados 02 Lendas 01	Variados 02 Informativos 01 Terror 02 Comédia 02 Suspense 01
Acesso a variados tipos de texto	Sim 05	Sim 04	Sim 04	Sim 05



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Interesse pelo livro	Título 02 Capa 02 Acesso fácil 02	Autor 01 História do livro 03	Título 03 História do livro 02	História do livro 04 Título 02 Capa 01 Recomendação 02
Gosto pela literatura indicada pelo professor.	Sim 04 Não 00	Sim 03 Não 00 Às vezes 01	Sim 03 Não 00 Às vezes 01	Sim 05 Não 00 Às vezes 01

A importância de o incentivo dessa prática não ser uma responsabilidade apenas na escola também está revelado nos questionários, por meio das opções e gosto de leitura dos alunos e da diversidade de títulos lidos, não só porque os professores incentivam, mas porque, em casa, mantêm contatos com leituras, principalmente informativos e de lazer, incentivados pelos pais.

Ao destacarem o incentivo dos professores, praticamente todos os alunos aprovam a literatura indicada pelo profissional, justificando a autoridade do professor, a experiência (“porque ler já deve ter reconhecimento”, “porque ele indica o que a gente está precisando”, “porque as histórias são cuidadosamente escolhidas para o nosso aprendizado”), ou simplesmente porque aprendem mais. Os que não aprovam a literatura indicada pelos professores, afirmam que “os textos são grandes”, “os livros são sem graça”, “porque não gosto de português”, revelando a complexidade em torno da problemática da leitura.

Perguntados sobre o que os motivam à leitura de um livro específico, apontaram também respostas múltiplas entre aqueles que lhes foram oferecidas; variam desde o título, capa, destacando o reflexo da atração visual exercida nessa faixa etária, até a recomendação de amigos, pais ou professores. Alguns apontaram autor conhecido, revelando o hábito pela leitura, já que são capazes de reconhecer autores.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Uma outra questão importante refere-se à definição do que é o ato de ler. Se professores, psicólogos e outros profissionais têm, entre si, definido o conceito de leitura que esperam alcançar na prática (fluência, interpretação, etc.), entre os alunos, predominam definições mais simplistas (decorrente da faixa etária), como “juntar sílabas e formar uma palavra e assim a diante”, “tem uma coisa escrita e a gente pára os olhos e lê”, ou outras simples, mas amplas, como “ler é aprender coisas que nos tornam mais inteligentes”, “ler é descobrir”, “entrar num mundo em que não existe, um mundo imaginado por nós e escrito por outros”.

Uma vez apresentados os dados oriundos desta pesquisa, associados como problemática desenvolvida com os autores que teoricamente se dedicaram à problemática em torno da prática da leitura entre as crianças, pode-se inferir que:

sendo a leitura um bem cultural, através do qual o indivíduo se constrói como sujeito de sua própria história, interagindo no seu mundo, ou na sociedade em que vive a leitura se constitui como um instrumento de produção ou reprodução. É imprescindível a necessidade do professor analisar e compreender o aspecto contraditório que a leitura pode reter em si. A qualidade dos textos usados na sala de aula, sua relação com a realidade e a metodologia de leitura indicarão e explicitarão se a escola assume a leitura enquanto reprodutora ou a torna um instrumento de conscientização, de criação e de libertação (Faria & Souza, 2002, p. 35).

A leitura como um processo político, um instrumento de reprodução e um espaço de contradição pode estar comprometida ou não com o processo de transformação social e assume o papel de possibilitar conscientização e questionamento da realidade em que se insere o leitor.

CONCLUSÕES



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, procurei estudar a importância da leitura na construção do conhecimento das crianças, buscando elucidar questões pertinentes às atividades desenvolvidas para o incentivo à leitura e, como esta interfere positivamente na construção cognitiva das crianças para que consigam, por meio da leitura da palavra, aprimorar a leitura de mundo.

A análise deste estudo permite dizer que, hoje, os pesquisadores da educação e os professores, de um modo geral, estão seriamente envolvidos com projetos que visem ao maior sucesso na formação de leitores. A prática pedagógica nas salas de aula da *Nova Escola* tem recebido tratamento especial. Há um grande anseio dos profissionais envolvidos no processo educativo por desenvolver técnicas, métodos ou propostas que auxiliem na motivação das crianças a serem bons leitores. A escola procura desempenhar, da melhor maneira possível, seu papel de formadora de sujeitos críticos, valorizando o trabalho que é realizado pelos professores no dia-a-dia escolar.

A *Nova Escola* tem plantado a semente do prazer de ler nas suas crianças, e o sucesso deste trabalho já é uma realidade, pois entre os alunos a leitura é reconhecida como fonte de informação, de entretenimento e de prazer, evidenciando-se, assim, a sua importância. É uma escola que está atenta à aplicação de uma metodologia de leitura que proporcione ao aluno a construção de aprendizagens significativas. Utilizando seus conhecimentos prévios e relacionando-os aos novos conteúdos, ele conseguirá transferir o que aprende na escola para a sua vida cotidiana.

Além disso, a boa formação das professoras lhes proporciona uma base teórica que subsidia a prática educativa, bem como conscientiza-as sobre a necessidade de serem, antes de tudo, professoras leitoras. Isto, além de torná-las mais aptas ao ensino, também estimula os alunos à leitura, pois vêem no professor um exemplo a ser seguido.

Ao término do trabalho, percebo o quão importante é dar atenção à leitura o mais cedo possível, pois, ela é um instrumento determinante nos processos de aprendizagem, comunicação e conscientização no mundo atual. Leva a criança a compreender a sua posição nas relações vivenciadas, conscientizando-a de que suas ações têm conseqüências para ela e para a comunidade em que vive. Além disso, desenvolve competências para a compreensão das diferentes relações existentes na sociedade e, assim, faz perceber a importância da solidariedade e da cidadania, bem como o seu papel na transformação dessas relações.

É importante esclarecer que esta é, infelizmente, uma realidade específica. Trata-se de uma escola particular, com professores preparados, cuja clientela é oriunda da classe média. Fato que, talvez, não ocorra na rede pública, nas escolas de periferia, etc.

REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 2002.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1994.
- BERTI, Maria Helena Coelho. *A leitura na escola: uma proposta sócio-construtivista*. Texto xerocopiado, sd.
- BRASIL. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*: no. 9.394. Diário Oficial da União, 20/12/ 1996. Disponível em <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 23 mar. 2005.
- BRITTO, Luís Percival Leme. Sociedade da cultura escrita, alfabetismo e participação. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003, p. 47-63.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização sem o ba, be, bi, bo, bu*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CATTANI, Maria Izabel & AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

- CAVALCANTI, Zélia. *Livros etc...*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de educação à Distância, 1996 (Cadernos da TV Escola).
- CHARTIER, Anne-Marie & HÉRBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura: 1880-1990*. São Paulo: Ática, 1995.
- FARIA, Gilmar S. & SOUZA, Nicélia B. *A prática da leitura nas classes de educação de jovens e adultos*. Vitória da Conquista: UESB, 2002.
- FOELKER, Rita. *A Importância da leitura na construção do conhecimento*. Disponível em: <http://www.edicoesgil.com.br/educador>. Acesso em 14 mar. 2005.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1983.
- GERALDI, João Wanderley. O ensino é livresco, mas sem livros. In: SILVA, Ezequiel t. da. *Elementos de pedagogia libertadora*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.9-15.
- _____. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: 1986.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MORIYON, F. G. *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *A produção do texto na escola: pesquisas e propostas*. São Paulo: Ática, 1981.
- _____. *Elementos da pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SOARES, M. B. In: *Leitura: Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.
- SUASSUNA, Livia. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas: Papyrus, 1995.
- VIEIRA, A. *O prazer do texto: Perspectivas para o ensino da literatura*. EPU, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. Apresentação: estimulando a leitura – democratizando a escola. In ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991.